



O QUE FALAM SOBRE ANARQUIA: ESTUDOS BIBLIOGRÁFICOS SOBRE O MOVIMENTO ANARQUISTA NO BRASIL

Maressa Rebecca da Costa Ribeiro Lins¹

Paulo Gustavo de Santana Dias²

Beatriz de Miranda Brusantin³

RESUMO

O presente trabalho tem como função discutir uma bibliografia anarquista sob três aspectos: a apresentação da teoria anarquista, a comparação com outras correntes de esquerda e o anarquismo em Pernambuco. Analisaremos esses aspectos em três livros: 1) Trabalho urbano e conflito social (1890 – 1920), de Boris Fausto; 2) Os libertários: ideias e experiências anárquicas, de Edgar Rodrigues; e por último, 3) Anarquistas e comunistas no Brasil, de John W. F. Duell. A presença anárquica no Brasil, e principalmente em Pernambuco, ainda é pouco pesquisada, o que é altamente contrastante com a importância que o movimento teve na formação operária brasileira. Trazendo a discussão desse assunto para a academia, pretendemos desmistificar certos conceitos pré-definidos que são difundidos amplamente todos os dias e já fazem parte do senso comum. Dessa forma, queremos colocar o tema da Anarquia como um importante aliado no estudo e na compreensão dos movimentos trabalhistas brasileiros, como também pernambucanos.

Palavras-chave: bibliografia libertária, anarquismo no Brasil, movimento operário brasileiro, grupos anarquistas brasileiros

ABSTRACT

The present work wants to discuss an anarchist literature in three aspects: the presentation of anarchist theory, comparison with other leftist theorys and anarchism currents in Pernambuco. Reviews these three aspects in three books: 1) Urban Labour and Social Conflict (1890-1920), Boris Fausto; 2) Libertarians: anarchist ideas and experiences, Edgar Rodriguez; and finally, 3) Anarchists and Communists in Brazil, John W. F. Duell. The anarchic presence in Brazil, especially in Pernambuco, is poorly researched, wich is highly contrasted with the importance that the movement had in shaping the Brazilian working. Bringing the discussion to the academy, we intend to demystify certain pre-defined concepts that are widely disseminated every day and are already part of common sense. Thus, we want to placing the issue of Anarchy as an important ally in the study and understanding of the Brazilian labor movement, as well as in Pernambuco.

Keywords: libertarian bibliography, anarchism in Brazil, the Brazilian labor movement, anarchist groups in Brazil

DESCONSTRUINDO A ANARQUIA: DOS SENTIDOS, PRECONCEITOS E VERDADES

¹ Graduanda em História pela Universidade Católica de Pernambuco; bequinho220@hotmail.com

² Graduando em História pela Universidade Católica de Pernambuco; paulinhogsdias@hotmail.com

³ Prof^a Dr^a da Universidade Católica de Pernambuco; bbrusantin@yahoo.com.br

A palavra anarquia, em seu sentido etimológico, significa a ausência de governo. Trata-se, todavia, da oposição ao governo de coerção, e não ausência de ordem. Desde o surgimento do movimento anarquista, entre fins do século XVIII e início do século XIX, os instrumentos midiáticos foram bastante utilizados pela classe dominante para pintar um quadro da anarquia fundado no deturpamento e omissão da verdadeira bandeira erguida pelos anarquistas: a liberdade plena associada ao conceito de igualdade. “Na linguagem popular, anarquia é sinônimo de caos” (WOODCOCK, 2010: 8). A palavra anarquia é frequentemente utilizada como sinônimo de algazarra, confusão e desordem, inclusive na definição de dicionários.

Consideramos que esta construção “ideológica preconceituosa” atrelada aos múltiplos significados da palavra anarquia, seja um dos motivos da pouca pesquisa em relação ao tema no Brasil e, especialmente, em Pernambuco. Trazer à tona essa deficiência literária é uma forma de tentar reverter o papel que é dado à anarquia como uma filosofia violenta e completamente desordenada. Buscamos, nesse sentido, re construir o sentido do movimento anarquismo junto aos operários e a luta de classes, colocando-o num patamar menos pejorativo e, portanto, mais justo, real e histórico.

Quando pensamos na execução deste trabalho, uma das primeiras preocupações foi a de desmistificar a teoria anarquista como sendo unicamente voltada para a violência e a desordem, com o intuito de gerar curiosidade no meio acadêmico em prol da pesquisa dos movimentos, principalmente, ocorridos no Brasil e em Pernambuco. Desse modo, almejamos re inserir a discussão sobre o anarquismo no âmbito da História Social, interpretando esta corrente ideológica e prática política, como algo representativo na história dos trabalhadores brasileiros.

Para tanto realizaremos uma discussão bibliográfica sobre o tema, apontando críticas e reflexões pertinentes sobre o movimento anarquista. Vale ressaltar, que escolha dos estudos e autores não se deu por motivo, especificamente, acadêmicos, mas sim porque foram os três livros aos quais conseguimos ter acesso. Prova o quanto o anarquismo não é tema recorrente em pesquisas acadêmicas, e quanto acessar esta bibliografia não é tão simples caso o pesquisador se encontre no estado de Pernambuco. Nós, por exemplo, como pesquisadores da UNICAP tivemos que pedir a consulta no “Acervo B” da Biblioteca Central da UNICAP, reservados para livros que há pelo menos cinco anos não são solicitados pelos alunos.



Assim, apresentados os motivos do presente trabalho, partiremos agora para as análises propostas.

UMA TEORIA EM MOVIMENTO

Quando se fala em anarquia e anarquismo, é preciso ter em mente primeiro que a teoria não é única e indivisível, sendo parte sempre de construções contextualizadas em seu tempo em seu local. Segundo Woodcock, o anarquismo “como doutrina, muda constantemente, como um movimento, cresce e se desintegra, em permanente flutuação, mas jamais se acaba”. (WOODCOCK 2010: 17),

Os diferentes teóricos anarquistas tinham opiniões diferentes em como estruturar a sociedade após a destituição dos governos, que são autoritários em sua natureza. (WOODCOCK, 2010:14) nos ilustram as diferentes formas de organização e os meios de se chegar a elas de acordo com os teóricos:

“Os discípulos de Tolstoi não admitiam a violência, quaisquer que fossem as circunstâncias. Godwin desejava obter mudanças através da palavra e Proudhon e seus companheiros, através da proliferação pacífica de organizações cooperativas. Kropotkin aceitava a violência, embora com certa relutância, por ver nela uma parte inevitável das revoluções, que considerava etapas necessárias ao progresso da humanidade.” (WOODCOCK, 2010:14)

Partindo do princípio que o anarquismo não é uma teoria una, para este texto iremos nos ater nos princípios teóricos daquela que foi a principal corrente anarquista em ação no Brasil: o anarco-sindicalismo que vigorou, principalmente, nos início do século XX entre os operários que trabalhavam no Brasil (não necessariamente eram brasileiros, muitos anarquistas eram de nacionalidade espanhola e italiana, por exemplo).

Em linhas gerais, podemos caracterizar o anarco- sindicalismo como uma corrente pregava a greve geral como meio de se chegar à sociedade igualitária e sem coerção.

No curso dos anos noventa, a partir das organizações sindicais francesas desenvolveu-se o anarco-sindicalismo, com sua ênfase no papel do sindicato não só como órgão de luta (cuja principal tática era a greve geral) mas como núcleo básico da sociedade do futuro. [...]. Porém, a originalidade do anarco-sindicalismo consistia na adaptação de elementos do passado às circunstâncias do mundo industrial de fins do século XX, considerando o sindicato e não a comuna a unidade social [...].” (FAUSTO, 1976:76).

Face à conceituação de anarco-sindicalismo, analisemos os três livros/objetos em questão. A citação acima foi retirada do primeiro livro citado como fonte: Trabalho Urbano e

Conflito Social (FAUSTO, 1976). Podemos perceber, além de um breve relato da teoria anarco-sindicalista, uma crítica à visão anarco-sindicalista de organização social.

Quando passamos para o segundo livro, *Os Libertários: ideias e experiências anárquicas* (RODRIGUES, 1987), percebemos que o autor não faz distinção entre doutrinas anárquicas, mas sim faz questão de unificar a anarquia, o que não é senão uma outra forma válida de pensamento, pois, em seus fins as doutrinas não diferem umas das outras.

O anarquista acredita na liberdade, patrimônio de todos e de cada um, no estudo persistente, na história retrato do passado, na filosofia, na psicologia, na ciência, na arte, no poder de criação do indivíduo, na educação libertária e no HUMANISMO! Abomina a mentira e a prática anti-humana! Para o anarquista um homem vale um homem!” (RODRIGUES, 1987:297)

No terceiro livro proposto, *Anarquistas e Comunistas no Brasil* (DUELLES, 1973), encontramos a preocupação do autor com as situações mais factuais, e o mesmo pressupõe do leitor um conhecimento anterior das teorias e conceitos dos dois grupos abordados na obra.

O segundo ponto de análise, as diferenciações feitas entre as teorias de esquerda (socialismo e anarquismo), é bem trabalhado no primeiro e terceiro livros, pois, como já abordado antes, o segundo livro tem como tema único a anarquia.

Na verdade, FAUSTO (1976) aborda a concepção teórica das três principais correntes trabalhistas atuantes nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo: o trabalhismo, o anarquismo e o socialismo.

De modo geral, os socialistas reformistas, como se sabe, buscam a transformação gradativa do sistema social existente e defendem a autonomia organizatória dos trabalhadores; o grupo dos trabalhistas, no caso, corresponde aos que pretendem obter tão somente a conquista de alguns direitos operários, sem por em questão os fundamentos do sistema social, inclinando-se a incentivar implicitamente a heteronomia sindical.

Em sua obra, DULLES (1973) não se propõe propriamente a definir as teorias que são objetos de seu estudo, mas sim deixa que os próprios anarquistas e comunistas se definam, mostrando nas palavras dos próprios suas divergências. Intitulando os anarquistas de pacifistas, Astrogildo Pereira, importante líder socialista brasileiro do início do século, mostra as diferenças entre as duas teorias:

Quanto à “figura venerável” de Fábio Luz, Astrogildo disse que nunca o vira aparecer “nas lutas operárias e libertárias travadas no Brasil nos últimos 12 anos”. “O venerado filantropo e pacifista só por equívoco pode militar nas fileiras revolucionárias”. Por que não ingressa na Legião dos Fundadores da Nova Sociedade, no Instituto de Proteção e Assistência à Infância, na Liga Vegetariana, na Sociedade Protetora dos Animais? Ai estará em seu verdadeiro posto de paladino da humanidade em geral. (Dulles, 1973:165)

O terceiro e último ponto, referente à citação da existência de grupos anarquistas em Pernambuco não é abordado no primeiro livro, pois FAUSTO (1976) se propõe a analisar



apenas os dois maiores espaços urbanos brasileiros no início do século, a saber, Rio de Janeiro e São Paulo.

Com relação ao segundo livro podemos dizer que ele aponta diversas experiências no Brasil, e nos aponta a existência de um grupo libertário em Recife, denominado de grupo de propaganda social. O autor também considera os quilombos como primeiras experiências anárquicas existentes no Brasil. Assim ele mostra a experiência do Quilombo do Livramento: “Livramento é o ponto mais alto do Nordeste, a 11 km de distância da sede do município de trindade, do estado de Pernambuco” (RODRIGUES, 1087:89). Esta obra é a mais completa na opinião dos autores deste trabalho, pois se propõe tanto a explicar a teoria anarquista, como comenta os mais influentes pensadores libertários brasileiros e também as experiências anárquicas ocorridas no país.

A terceira obra, assim como a primeira, se além aos grandes centros urbanos brasileiros do início do século XX, porém nos aponta uma greve ocorrida em Recife em 1919. É interessante notar que, pelo menos ao que parece, o socialismo e a anarquia caminharam juntos na greve de 1919. Narrando o ocorrido, o autor nos fala a respeito de Antônio Bernado Canellas. “O chefe de polícia considerava perigosas as ideias de Canellas, com a criação de uma escola de orientação anarquista para os filhos de operários” (DULLES, 1973:81). Estando os trabalhadores organizados sobre o nome de Federação de Resistência das Classes Trabalhadoras, e mostrando Canellas como comunista que inclusive cantava “A Internacional”. Podemos concluir que, pelo menos nesse caso, socialismo e anarquismo andaram juntos.

CONCLUINDO...

Após apresentados todos os pontos objetivados por este trabalho, esperamos ter contribuído para um melhor entendimento da teoria anarquista e sua presença no Brasil e em Pernambuco.

O presente trabalho é apenas um ponta pé inicial nas pesquisas que necessitam ser feitas sobre o tema e sobre suas implicações sociais.

Uma discussão bibliográfica é apenas o apontamento de caminhos que se podem trilhar visando a um verdadeiro trabalho de pesquisa acadêmica, notadamente no que diz respeito a presença e ação anarquista no Brasil, e em Pernambuco em particular.



A anarquia ainda precisa ser amplamente desmistificada e retirada do patamar de sublevação em que se encontra hoje, para alçar um voo maior nas pesquisas acadêmicas.

Quando isto ocorrer, poderemos entender mais profundamente a classe operaria no âmbito nacional e estadual, em todos os seus âmbitos e em todas as suas eras de atuação.

A anarquia não é violenta em sua essência, menos ainda em suas ações. Uma nova visão sobre este tema faz-se necessário dentro da academia, mas também fora dela, pois longe de ser subversiva ou contraditória, é, isto sim, uma nova proposta de organização social entre os homens e entre os homens e o meio.

A anarquia é um estado de sociedade onde governa a razão. Em anarquia todos os seres humanos tem direito a vida e a usufruto das riquezas naturais e do trabalho coletivo. Não existe a autoridade irracional constituída, nem governantes de nenhuma espécie. É uma sociedade baseada fundamentalmente na liberdade plena, para que o ser humano possa desenvolver todas as suas capacidades e potencialidades formando a verdadeira ideia de que todos somos iguais, irmão.(RODRIGUES,1987:14-15)

Isso pode parecer utopia, mas numa sociedade onde não existe a liberdade plena, é necessário rever a construção desta desde suas bases, para que uma sociedade mais justa e igualitária seja construída, independente dela ser anárquica ou não.

Referências

COSTA, Caio Túlio. O que é Anarquismo. São Paulo: Brasiliense, 1980.

DULLES, John W. F. Anarquistas e Comunistas no Brasil. Rio de Janeiro: nova fronteira, 1973.

FAUSTO, Boris. Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920). São Paulo: Difel, 1976.

RODRIGUES, Edgar. Os Libertários: Ideias e Experiências Anárquicas. Rio de Janeiro: vozes, 1987.

WOODCOCK, George. História das Ideias e Movimentos Anarquistas: Vol. I – A Ideia. Porto Alegre: L&PM, 2010.